

Para onde caminhamos com a nossa (in) Segurança?

Por Alexandre Martins de Castro

1. Cenário – 2. Histórico – 3. Forças Armadas – 4. Soluções – 5. Conclusão

1. Precisamente em 31/07/2017 faleceu no Rio de Janeiro o menino que foi ferido por uma bala perdida que o atingiu ainda no ventre da mãe. Foi ferido de morte antes de nascer!

A morte desse menino não pode ser encarada como mais uma consequência da insegurança pública a que foi conduzida a Cidade do Rio de Janeiro, por governantes incompetentes, uns ignorantes em segurança, outros corruptos, como o ex-político que está preso, com milhões bloqueados e inúmeros processos. A morte desse menino deve ser encarada como um SÍMBOLO DE BASTA! BASTA de violência. Chega de impunidade! Parem com manobras ardilosas de gabinetes! Acabem com discursos de plateia, que nada resolvem e que só servem para irritar as pessoas do bem.

Ali, com a morte do menino, a sociedade, altamente espoliada em sua sensação de segurança, percebeu que as forças do Estado não mais conseguiam conter o avanço da criminalidade. Até parecia o fim. Mas não era, infelizmente.

Embora já se alertasse para o elevado número de PMs mortos, chegando à macabra marca de 100 (cem) PMs, só neste caso, o que significa quase um PM assassinado a cada dois dias!!! Isto no Rio de Janeiro! Em 2017, em todo o Brasil, ao menos 232 policiais foram baleados, sendo que 104 morreram. No Rio de Janeiro, foram 100 Policiais Militares assassinados.

2. Para quem serviu uma Polícia Militar que era muito respeitada (mais que temida), em que Soldados, Cabos e Sargentos tinham de entrar fardados nos Quartéis e todos se orgulhavam disso e procuravam usar sua farda mais bem alinhada, lembrar isso parece saudosismo.

Hoje os Policiais Militares, com muita razão, escondem sua condição funcional: só usam farda (com preocupação) em serviço, porque passaram a ser de perseguidores de bandidos a caçados por eles.

Em breve parêntesis, é um retrato de nossa vida, antes calma e segura, hoje tensa e fugindo das balas perdidas, com o som dos pássaros substituído pelo dos tiros de fuzis.

A escalada da criminalidade e a elevação alarmante dos números de insegurança não foi um fenômeno repentino. Isso veio paulatinamente, mas não sorrateiramente, nos últimos 15 anos.

Durante a época em que as Polícias Militares estavam sob comando do Exército (e sou a adepto ferrenho do Comando próprio, por oficial PM), as Corporações ficavam fora do maior poder de influência dos Governadores, mas a partir de 1982, os Chefes do Executivo Estadual, porque nomeavam Comandantes das Polícias Militares, passaram a se considerar “donos das polícias” e, lamentavelmente, nem todos os Comandantes Gerais tiveram pulso para evidenciar que a PM necessita de uma doutrina própria e que não podem estar afetas às vontades dos políticos, que nada entendem de Segurança Pública. Aí, Garotinhos e Cabral fizeram um estrago!

O Ex-Secretário de Segurança exonerou um Comandante Geral porque este, em plena e lídima ação de comando, anistiou algumas punições disciplinares, sem avisar ao intrépido Secretário de

Segurança. Parece piada, mas aconteceu e as punições, antes anistiada, reprimaram.

E como idiotas não têm respeito à história, o Ex-Governador até tentou vender o Quartel General (logo para a Petrobras, é claro), quando tal aquartelamento deveria e deve ser tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional: dali saíram os Voluntários da Pátria para a Guerra do Paraguai. A venda não se efetivou, não por qualquer ação maior do Comandante Geral da época, mas porque oficiais inativos, em abraço simbólico ao QG, protestaram veementemente até aquela vontade governamental ser abortada.

Nos últimos 10 anos, a situação da segurança piorou porque o Ex-Secretário de Segurança (da era do Ex-Governador Cabral, que agora está preso) inventou a tal Polícia Pacificadora que nada mais passa de uma balela e enganação. Com exceção da tomada do Morro do Cruzeiro, em que a PM realmente dominou o terreno, as demais favelas (agora chamadas de comunidades) mereceram uma atuação desastrosa não da PM, mas do Secretário de Segurança. Isso porque é feita ampla divulgação da favela que vai ser "pacificada". Os meliantes, que são bandidos, mas não são idiotas, saem do morro com suas armas e drogas. A PM entra e... uau: mais uma "comunidade pacificada". Fica meia dúzia de PMs no local e no dia seguinte a malandragem toda volta, para vergonha e descrédito dos Policiais Militares, que são forçados a verem tudo, sem nada poderem fazer.

Evidentemente, a criminalidade aumenta e, com ela, a sensação de insegurança, com a certeza de impunidade.

Proponho ao leitor uma simples questão. Imaginemos, por mero exemplo, uma favela (ou na linguagem politicamente correta de hoje, uma "comunidade"), como a do Jacaré, com 350.000 habitantes. Uma vez "pacificada", necessitaria, pelas dificuldades de

terreno, de um efetivo mínimo de 2.000 policiais. Mas ali ficam, se tanto, 10 judiados.

Vamos evoluir no exemplo hipotético: se a facção A que dominava a favela retornar (e vai retornar) e a favela for invadida pela facção B tentando afastar a facção A, qual deve ser a ação daqueles judiados PM: lutam contra a facção B e defendem a A? Lutam apoiando a B e aniquilam a A? Lutam contra as duas? Evidentemente, para eles só há duas opções que não são mencionadas: eles fogem ou morrem!

3. É claro que as Forças Armadas podem e devem colaborar com a Segurança Pública. Não fazendo patrulhamento (porque isso eles não sabem fazer): a colaboração deve ser feita com equipamentos, armamentos, com informações, com viaturas blindadas (como se deu na tomada da Vila do Cruzeiro e no Morro do Alemão). Insisto: as Forças Armadas não sabem fazer patrulhamento! Mas podem equipar a PM corretamente para que policiais não morram diariamente! Podem colocar drones sobrevoando morros, descobrindo os focos do narcotráfico, identificando veículos para serem devolvidos aos seus donos.

Ah, querem fornecer material humano? Enviem militares para as tarefas burocráticas de dentro do quartel e coloquem os policiais burocratas na rua, porque a população precisa é da polícia na rua!

Há pouco mais de um ano, todos criticamos a Ex-Presidente por abrir as torneiras do Tesouro, liberando cargos e verbas para parlamentares, com o propósito de se agarrar no cargo. Pois bem. O que o atual Presidente está fazendo é a mesma coisa, acrescido de troca ostensiva de deputados da Comissão de Ética, para se agarrar no cargo. E depois liberar milhões (ou bilhões?), aumentar impostos... seria cômico se não fosse trágico. Esses milhões (nem precisa ser bilhão) dariam para comprar um bom equipamento para a Polícia.

Nós que tanto gritamos e fomos para as ruas fazer valer os ideais democráticos, por que não estamos ocupando as avenidas e praças para gritar BASTA DE INSEGURANÇA? A verdade é que a sociedade quer e precisa sentir-se segura.

Não é ocupar rua para fazer baderna. É uma ocupação ordeira, sem transtornar a rotina da cidade, em que o silêncio seja o melhor brado de clamor por mais segurança.

Paralelamente é necessária a nomeação de um Secretário de Segurança que entenda de segurança, porque no Rio de Janeiro o atual, para nosso desespero, anunciou que iria apresentar um plano para o policiamento (agora??? Então ainda não tem plano???). Pois bem. Instado pela imprensa, o ilustrado e sábio Secretário anunciou seu ridículo plano: "a PM não vai mais partir para o enfrentamento, mas vai se defender se for atacada". O leitor deve estar pensando que estou brincando. Mas não estou. Pelo que entendi, a malandragem pode ficar despreocupada, porque a PM não vai enfrentar os bandidos. Se esses marginais forem ousados o suficiente para atacar e enfrentar a PM, aí ela vai se defender. Alguém tem uma interpretação diferente da minha?

4. Então, que soluções temos de buscar? Em primeiro lugar, deixar bem claro, por ação maciça na mídia, que a expressão DIREITOS HUMANOS não significa defesa ou proteção de bandidos, mas diz respeito à salvaguarda de interesses de cidadãos honestos e de policiais que arriscam suas vidas em prol da sociedade.

Isto porque, como constatamos hoje, quando o bandido morre vira uma vítima: era trabalhador; o Estado paga indenização. O policial que morre é, apenas, mais um: tem direito ao "toque de silêncio", a família recebe um papel de honra ao mérito e a vida segue, porque o Estado nem liga, não dá sequer apoio psicológico aos filhos

órfãos. Triste realidade! O Governador emitir nota de solidariedade e o Secretário de Segurança dizer que está triste não resolve nada!

O mínimo que se precisa, o pouco que se exige das autoridades do Governo do Rio de Janeiro é um apoio psicológico para os parentes dos falecidos; que um serviço eficaz de psicologia acompanhe filhos e viúvas, a partir do momento que se constata o óbito.

A PM tem de partir para o enfrentamento: nenhum poder pode se sobrepor ao do Estado!

O mínimo que se pode fazer é construir vilas militares para que os PMs possam viver condignamente, sem morar em favelas dominadas por chefes do tráfico. Deveriam ser construídas casas do tipo "minha casa, minha vida" em blocos destinados a PMs. É difícil isso? Bastam alguns milhões do Governo Federal.

Em vez desse engodo de colocar tanque na rua, fingindo reforçar policiamento (que custa caríssimo), por que o Governo não libera verba para construção de casas para PMs? Será que eles não fazem parte do "social"?

O Conselho Nacional do Ministério Público, em sua 4ª Sessão Extraordinária de 2017, apresentou proposta de resolução que estabelece regras mínimas de atuação do Ministério Público nos crimes dolosos contra a vida ou contra a integridade de policiais em serviço ou em razão dele. É um passo modesto, mas pela primeira vez o MP se volta a favor de PMs vitimizados.

Mas outros passos podem e devem ser tomados, com a união de reforços (digo principalmente verbas) Estaduais e Federais, melhores equipamentos e armamentos para policiais, pagamento condigno e em dia (inclusive 13º salário), melhores atividades de informações, uso de drones para mapeamento de favelas, construções de vilas militares, combate ferrenho à corrupção de PMs, maior amparo e

proteção do Estado para familiares de policiais assassinados e, PRINCIPALMENTE, mudança imediata na Legislação, impedindo a progressão de regime para assassinos de PMs, que deverão cumprir a pena integral em regime fechado. O mesmo deve acontecer com governantes corruptos que quebram o Estado! E que se faça isso em curtíssimo prazo!

Outrora as crianças chupavam balas. Hoje são feridas por balas diferentes. Antes parava-se com tranquilidade quando se via uma blitz. Hoje paramos em blitz ou arrastão? Isso não pode continuar.

5. A morte do menino simboliza, também, um BASTA À INÉRCIA. Os vivos andam assustados pelos assaltos, pelos confrontos nos quais sobram balas perdidas, pelos assaltos cinematográficos em que carros blindados são explodidos. E a Polícia... nada descobre.

Os bandidos andam com armas que atravessam chapa de aço de carros de transporte, mas o cidadão de bem não pode ter um mísero 38 ou uma defeituosa.⁴⁰ para se defender (ou para se matar). Isso é justo? É esse o país que queremos?

Agora com a morte desse menino, além de não termos segurança para viver, NÃO SE TEM SEQUER SEGURANÇA PARA NASCER.

Então, que nosso grito resuma-se a uma simples palavra: BASTA!

Texto de autoria do Coronel PM Ref. Alexandre Martins de Castro. Jurista, Advogado, Conferencista Internacional e ex-Assessor Chefe Jurídico da extinta Secretaria de Estado da Polícia Militar. Também exerceu o cargo de Instrutor de Defesa Interna no Curso Superior de Polícia e possui medalhas-prêmio por ter sido o primeiro colocado na EsFO, CAO e CSP, recebendo também a medalha-prêmio da Escola da Polícia Nacional da República do Uruguai.